

Inspiração poética: um fenômeno medianímico.

Gadi Silva <gadiplanck@gmail.com>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar a inspiração poética como um processo anímico/mediúnico. Kardec denominou de mediunidade de inspiração. Segundo os seus estudos, é muito difícil identificar, com exatidão, quais são os pensamentos dos inspirados ou dos inspiradores, pois neste quesito a contribuição parte de ambos, a percepção dos pensamentos é uniforme e atuante. O médium inspirado, no caso o poeta, possui uma desenvoltura anímica muito pertinente. Dessa forma, o artigo apresenta os conceitos de animismo, mediunidade e mediunidade de inspiração, e também, as teorias das escolas literárias que dissertam sobre o processo de inspiração na poesia, cada uma defendendo uma perspectiva sobre o fenômeno. Expõe a contribuição do espírito O Esteta, que, do ponto de vista espiritual define dois tipos de inspiração, uma relacionada ao animismo do artista, chamada inspiração pessoal e outra relacionada ao processo de captação/recepção, atribuída a um agente externo ou intervenção de um espírito desencarnado, denominada inspiração espiritual. E, seja qual obra for que o ser humano realize, somente dependerá dele que ela seja transformadora na sociedade humana, ou pelo menos, o seja para o ser humano que a criou, pois não esqueçamos que a mudança ocorre de dentro para fora, e que se a obra criada não sensibilizar o seu autor, pouco ou em nada sensibilizará o expectador.

Palavras-chave – Animismo. Mediunidade. Medianímico. Inspiração Poética.

Submetido em 11/10/2021

Aprovado em 06/09/2022

1. INTRODUÇÃO

O Animismo é um fenômeno presente na vida do homem, pois é algo intrínseco ao ser humano e em particular é um fenômeno que trata da vida psíquica, ou melhor, tem relações estreitas com ela. A palavra é de origem latina e liga-se à alma, como princípio da vida e do pensamento. É toda uma manifestação do ente humano, aquele ser que pensa e se inter-relaciona consigo e com os outros. Diante disto, o tema Animismo, associado ao conhecimento da Doutrina dos Espíritos, foi estudado por pesquisadores renomados, destacando-se como profundo estudioso um russo que dedicou a sua vida à compreensão e disseminação sobre a dinâmica do fenômeno anímico. Alexandre Nikolaevich Aksakof, foi um pesquisador dos fenômenos espíritas, trabalhou com diversos médiuns, seres de rica fenomenologia paranormal. Sua obra “Animismo e Espiritismo” é o ápice de seu trabalho, nela foram catalogados os mais diversos fenômenos paranormais ou anímicos que se tem conhecimento.

O animismo ainda é visto com receio por alguns espíritas. Mas, de acordo com os benfeitores espirituais, o estudo sério amplia o conhecimento e percebemos a sua importante relação com o fenômeno mediúnico no auxílio de encarnados e desencarnados, porque ele é o primeiro contato do espírito encarnado com o seu inconsciente. Doravante com esforço e disciplina esse contato pode dar abertura para o

plano espiritual pela percepção de suas potencialidades psíquicas, sua intuição, sua inspiração, para a realização de algo útil e benéfico.

E é sobre a inspiração, que o artigo focará a sua exposição, mais particularmente, na inspiração poética, esse fenômeno que, segundo os gregos, trata-se de uma inspiração divina. A poesia é um dos produtos anímico/mediúnico em que o poeta, um espírito encarnado dotado de sensibilidade, busca alcançar níveis elevados de sapiência e percepção da vida, mesmo com todas as suas limitações e equívocos, empreende um esforço sincero, procurando traduzir o mais fiel possível em palavras que acalentem, elevem e exortem para um estado de espírito pleno diante da realidade divina. Sendo assim, essa foi a principal motivação para a realização deste artigo, a compreensão da inspiração poética dada o fenômeno anímico/mediúnico.

Este trabalho está vinculado ao eixo temático “Desafios Futuros: Efetivação do conhecimento espírita na transformação individual e coletiva”, uma vez que o conhecimento espírita traz como consequência, as contribuições conceituais e metodológicas para interpretação e intervenção na realidade. Dessa forma, a análise deste assunto, à luz do Espiritismo, possibilitará uma compreensão mais sólida do mesmo e, com isso, espera-se ensejar a ressignificação da relação do autor com o seu processo de inspiração poética. Este artigo tem o objetivo de apresentar a inspiração poética como um processo anímico/mediúnico. Desta forma o artigo está dividido nos seguintes tópicos: o fenômeno anímico, o processo anímico/mediúnico na inspiração poética, com os subtópicos, o que é mediunidade, mediunidade de inspiração e inspiração poética, aprendizado e considerações finais.

2. O FENÔMENO ANÍMICO

O Animismo, tal qual como foi cunhado por Aksakof (1832-1903) em seus estudos e pesquisas experimentais, e hoje em dia sendo tratado como termo do Espiritismo, é definido como: *“uma atividade inconsciente do espírito encarnado, podendo ser expressa de forma intracorpórea ou extracorpórea”*. [1]

Analisando a definição de Aksakof, podemos acrescentar que esta atividade ocorre por meio do transe, que pode ser em baixa, média e alta intensidade. Os termos intracorpóreo e extracorpóreo, na obra do autor, estabelecem que o espírito encarnado, pode realizar fenômenos dentro de seu psiquismo propriamente dito ou assinalá-lo para fora, o que deixa explícita a paranormalidade do fenômeno. Um exemplo para cada situação é dado por:

- . Intracorpóreo: Estabelecer contato telepático seja pela intuição ou inspiração, assimilar e repelir ideias e pensamentos.
- a. Extracorpóreo: Ação à distância, sua força psíquica interage explicitamente com objetos materiais, na Parapsicologia, essa ação à distância é denominada de fenômenos telecinéticos.

Ainda na situação (b), acrescentem-se como efeitos físicos, o fenômeno telefônico, que consiste na projeção do perísprito do encarnado para o plano espiritual, mais conhecido como desdobramento, em linguagem espírita/espiritualista, ou arrebatamento, em linguagem evangélica. E a semimaterialização, que consiste em um espírito desencarnado ou encarnado (este deve estar desacordado ou em transe) com o seu perísprito se fazer visível e relativamente palpável por um processo denominado ectoplasmia no plano material. [2]

Toda esta catalogação feita por Aksakof se deu a partir do momento em que ele passou a observar, nas reuniões mediúnicas experimentais, que o próprio médium era capaz de produzir, sem o concurso dos espíritos, esses fenômenos. E ele ainda percebeu que eles ocorriam mediante certa liberdade que a alma passa a ter em relação ao corpo somático. Esta liberdade que a alma tem é o momento do transe a que ela se submete voluntariamente ou provocada por um agente externo.

O codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec (1804–1869), na primeira edição de “O Livro dos Médiuns – Guia dos Médiuns e dos Evocadores”, usou a seguinte expressão em francês, *médianimique* (medianímico), indicando que já realizara estudos sobre a relativa emancipação da alma dos homens; tanto que em outra obra basilar, “O Livro dos Espíritos” há um capítulo dedicado a este assunto. [3] Na definição de Kardec, este termo assim está definido: “*Medianímico. (construção híbrida do latim, medius, medianeiro, intermediário; e do francês âme, alma.) É a qualidade da faculdade dos médiuns; faculdade medianímica*”. [4]

Com o relativo avanço dos estudos sobre os fenômenos anímicos, sabe-se que eles ocorrem de forma consciente e inconsciente, pois há determinados fenômenos em que o médium tem a plena consciência de seu acontecimento. Dessa forma, reescrevendo a definição, citemos Hammed pela psicografia de Francisco Neto, cuja síntese é relevante: “*O fenômeno anímico é uma atividade da faculdade psíquica utilizada com a colaboração, consciente ou inconsciente, do médium*”. [5]

Atualmente, no Movimento Espírita é aceito que os fenômenos de médiuns e espíritos desencarnados, no trabalho mediúnico, são de caráter medianímico, pois o fenômeno converge para uma parceria entre o médium e o espírito responsável pela comunicação e o trabalho a ser desenvolvido. Neste aspecto, o espírito Odilon Fernandes, por intermédio de Carlos Baccelli, esclarece: “*Mediunidade, a nosso ver, se evidencia a cada vez mais como sendo um processo de parceria. A semente seria incapaz de germinar sem os ingredientes da terra*”. [6] E, quando questionado durante as reuniões de estudo sobre a mediunidade, o mesmo espírito corrobora a relação anímico/mediúnica: “*O animismo faz parte do contexto da mediunidade. Diríamos mesmo que, sem animismo, não se tem mediunidade*”. [7]

A contribuição de Aksakof para a teoria anímica foi ampliada, após a do filósofo alemão muito conhecido de sua época, Karl Robert Eduard Von Hartmann (1842–1906), que ao escrever a obra “O Espiritismo”, atribuiu todo e qualquer fenômeno sobrenatural ao inconsciente, desacreditando de forma elegante, mas com raciocínios de embuste, a fenomenologia mediúnica e anímica. Considere-se que naquela época a teoria do inconsciente ganhava força, pois entre a publicação do trabalho de Von Hartmann em 1885, até o surgimento do trabalho do médico e psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856–1939) em 1900, se passaram apenas quinze anos. Então era algo que a ciência humana já vinha estudando há algum tempo.

Embora a teoria do inconsciente às vezes auxilie no trato com a mediunidade e o trabalho mediúnico, a independência entre ambos fica evidente ao ler as obras de Joanna de Ângelis/Divaldo Franco, nas quais a autora recorre aos trabalhos desenvolvidos pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875–1961) para dissertar sobre a aquisição da plenitude do espírito, para isso basta ler a obra “Triunfo Pessoal”. Portanto, será um erro de Hartmann equacionar todos os eventos mediúnicos do ente humano na teoria do inconsciente, caso atribua-se aos fenômenos de clarividência, projeção astral, psicofonia e incorporação a uma força nervosa, que se caracteriza em um surto personalizado de loucura do ser humano, com atitudes alucinatórias, delirantes e histéricas.

Para os estudiosos do Espiritismo, esse direcionamento, além de alimentar a ideia ateuísta e materialista, não contribui para o entendimento das verdades e realidades espirituais a que todos estamos e estaremos sujeitos. Dessa forma, no dever de responder a altura, mas com dignidade, honradez e conhecimento de causa, Aksakof compilou todo um acervo sobre a fenomenologia anímica/espírita realizada durante anos, que além de deixar para as gerações futuras, complementou a edificação do conhecimento espírita, sendo a sua obra uma das referências clássicas, após o Pentateuco kardecista, ao lado de outras como a do italiano Ernesto Bozzano (1943-1862).

3. O PROCESSO ANÍMICO/MEDIÚNICO NA INSPIRAÇÃO POÉTICA

3.1- O QUE É MEDIUNIDADE?

Para melhor compreensão, a mediunidade pode ser definida como a capacidade de se comunicar com mentes desencarnadas (espíritos) ou encarnadas (seres vivos) sem o contato material visível. Ela é uma capacidade orgânica natural, que pode ser mais ou menos intensa, conforme a estrutura biofísica psíquica do ser humano. E todo aquele que faz esse tipo de comunicação é denominado médium.

Dessa forma, ratificando a nossa reflexão, Kardec escreve:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem, não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que delas não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer – se que todos são, mais ou menos médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, e que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. [8]

Com base no exposto, a mediunidade é um fenômeno amplo, que engloba todas as criaturas, e, manifesta-se nas mínimas ações, em diversas situações, como ao pressentir algo negativo seguido de um calafrio ou a ocorrência de fenômenos complexos como a psicofonia e a incorporação. No entanto, o uso da palavra médium é direcionado para aqueles indivíduos que apresentam essa possibilidade de comunicação muito patente. Na referida obra, Kardec apresenta os diversos tipos de mediunidade, ou as formas pelas quais essa comunicabilidade se faz presente.

No estudo do tema, compreende-se que a mediunidade bem coordenada e proveitosa, ocorre quando o indivíduo trabalha em si aspectos emocionais, visando um equilíbrio mental e um comportamento positivo, que no ambiente espírita se caracteriza pelo desenvolvimento de sua conduta moral ou a reforma íntima. Esse aprimoramento deve andar lado a lado com o seu desenvolvimento mediúnico, pois quanto mais o médium procurar ter atitudes cristãs, como amor ao próximo, realizar atividades assistenciais de caridade, mais esse intercâmbio vai se tornando salutar, porque um dos aspectos estudados é o vibracional, pois é de comum acordo, que todo indivíduo especialmente o médium que anseia realizar um bom trabalho na seara espírita, procure elevar a sua frequência vibratória buscando o plano espiritual superior.

Para melhor compreensão do que sejam as vibrações, busquemos o apoio da ciência. Uma abordagem científica, que possa caracterizar vibração ou frequência vibratória superior é encontrada em pesquisa realizada no ano de 1929, pelo cientista alemão Hans Berger (1873 – 1941), cujo desenvolvimento surgiu a partir do momento em que sua vida foi salva por um fenômeno telepático. Estudando os fenômenos

relacionados ao cérebro humano, conseguiu identificar as denominadas ondas cerebrais, que dado o intervalo da frequência vibratória em que esteja atuando, proporcionará ao ser humano um determinado nível de consciência. As ondas cerebrais identificadas e sistematizadas por Berger são:

- . Beta (de 13 a 30 hertz)- nível normal de consciência.
- a. Alfa (de 8 a 13 hertz)- tranquilidade, aprendizagem e mente focalizada.
- b. Theta (de 4 a 7 hertz)- memória profunda, imagens mentais, meditação e foco mental interno.
- c. Delta (de 0,5 a 4 hertz)- sono profundo, mudança comportamental. [9]

Voltando-se ao desenvolvimento mediúnico, segundo artigo publicado por Carlos Morini, mestre em Ciências da Religião, o tipo de onda cerebral mais atuante no momento do transe mediúnico são as ondas alfa, que proporcionam uma elevação da frequência vibratória significativa. Segundo ele: *“O ritmo Alfa de ondas cerebrais, medidas pelo eletroencefalógrafo, costuma estar associado ao estado de relaxamento profundo ou meditação, estado esse que costuma estar associado a fenômenos psíquicos envolvidos com os estados alterados de consciência”*. [10] Em linguagem espiritualista, é no estado alfa que o indivíduo se encontra mais propenso a receber as boas intuições e a ter os seus momentos mais divinos de inspiração.

Compreendemos que a mediunidade não é uma doença e nem uma dádiva... É um acordo realizado durante o planejamento reencarnatório, em que a Divina Misericórdia faz uma concessão. Além de contribuir na comunicação entre os mundos espiritual e material, a mediunidade também tem objetivo de resgatar o médium que se comprometeu no serviço do bem ao próximo e elevar o patamar da humanidade nos quesitos de Amor e Justiça. Para realizar um bom intercâmbio, o médium deve eliminar o máximo possível de “ruídos”, que são os conflitos emocionais, os transtornos e as atitudes comportamentais negativas e destruidoras.

3.2 – MEDIUNIDADE DE INSPIRAÇÃO

A mediunidade de inspiração foi descrita por Kardec, em O Livro dos Médiuns, que apresenta as informações sobre os médiuns inspirados ou involuntários e pode ser análogo a um dos fenômenos catalogados por Aksakof, no campo intracorpóreo e que diz respeito à telepatia.

Visando uma melhor compreensão, podemos sintetizar esse tipo de fenômeno como uma mediunidade de efeito intelectual que consiste na captação/recepção e/ou associação de ideias entre duas mentes, que podem estar dispostas da seguinte forma: encarnada-encarnada, desencarnada-desencarnada e encarnada-desencarnada. Neste tipo de mediunidade, é comum o médium não discernir com exatidão a origem dessas ideias, se é sua ou de outrem, pois a sutileza e a uniformidade são muito fortes durante a ocorrência do fenômeno. Sendo assim, os fenômenos intelectuais que acontecem neste tipo de mediunidade são fenômenos medianímicos. E para corroborar nossa definição, citemos Kardec ao considerar a Mediunidade de Inspiração: *“Todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas, sem serem como estas, preconcebidas, podem ser considerados médiuns inspirados”*. [11] Podemos supor, que a Mediunidade de Inspiração é uma evocação de ideias, uma vez que segundo Ramatís, pela psicografia de Maes, diz o seguinte: *“a mediunidade exclusivamente inspirativa é, em verdade, efetuada pelo processo de comunicação telepática”*. [12]

Dessa forma, embora seja sutil, esse tipo de mediunidade tem gerado grandes impactos à humanidade em diversos campos de expressão humana, como a Ciência, a Religião e as Artes. No que concerne à expressão humana denominada Literatura, especificamente à Poesia, a mediunidade de inspiração tem sido uma mola propulsora para que poetas encarnados ou desencarnados possam nos brindar com mensagens de consolo e renovação de atitudes diante da vida física e espiritual. Não é por acaso que o espírito Odilon Fernandes, no livro *Mediunidade e Animismo*, responde de forma objetiva ao ser interpelado sobre o fenômeno anímico/mediúnico ou medianímico da mediunidade de inspiração:

459 – Em suma, o fenômeno anímico pode ser considerado um fenômeno mediúnico?

R: Repetiremos à exaustão que sim. Tanto no bem quanto no mal, ninguém faz nada sozinho.

461 – E o escritor que redige os seus próprios livros?

R: Está agindo sob a oculta inspiração de alguém. [13]

Uma característica da inspiração ou da mediunidade de inspiração é que ela advém sempre fora de circunstâncias trabalhadas, elaboradas. É um fenômeno em que a pessoa é tomada de um espanto, um momento único. Do ponto de vista da psicologia, é o *insight* que o indivíduo possui. É aquela súbita captação mental dos elementos e relações adequados para a situação em questão.

Na poesia, a inspiração é o momento que o poeta encontra a maestria da rima, a palavra para o encaixe perfeito ou simplesmente é o poema que “baixa” e ele escreve tão rápido e de forma coesa que não sofrerá alteração em sua concepção e escrita. Sendo assim, não há dúvida que todo artista é um médium inspirado por excelência.

3.3 – INSPIRAÇÃO POÉTICA

Falar de poesia e inspiração poética é dissertar textos e mais textos sobre o tema, sem nunca esgotá-los e muito menos enquadrá-los numa definição exata, como querem os positivistas.

Sendo assim, num primeiro momento, apresentaremos de forma prática o que é poesia, esse termo tão difícil de definir e tão explorado pelos literários; e, num segundo momento, conceituaremos o que seja inspiração poética, numa perspectiva elaborada pelo crítico literário M. H. Abrams e o espírito O Esteta, cujos trabalhos em relação ao processo de inspiração poética são bastante elucidativos.

Ao consultarmos o Minidicionário Aurélio Buarque de Holanda, temos que poesia é a “*arte de compor versos ou escrever versos*”. [14] No entanto, para o especialista em literatura e o poeta, esta “definição” não preenche de todo o real significado do que seja o termo poesia.

Na perspectiva Romântica, a poesia “é a arte de excitar a alma”, digo isto porque para os poetas românticos, ela tem relações fortíssimas com o sentimento íntimo do ser e que este, segundo esta escola, é um poeta por natureza. Nas palavras do poeta crítico Octávio Paz, “*a poesia é uma faculdade análoga à disposição divinizadora, que nos permite a percepção do sagrado. A faculdade de poetizar é uma categoria a priori*”. [15] Também está de acordo com o pensamento do poeta crítico exposto acima, o filósofo alemão Schiller, citado por Bandeira, na obra *Poesia Completa e Prosa*, quando afirma que a “*poesia é a força que atua de uma maneira divina e inapreendida, além e acima da consciência*”. [16]

Dessa forma, compreendemos que a poesia e o próprio ato de fazê-la remetem a algo divino. Ser poeta e escrever poesia é sintonizar-se com as forças da criação na busca intensa de comunicação com o sagrado, com aquilo que está além de sua própria constituição. Ela é essência e objeto, ao mesmo tempo, purificação e tratamento. A poesia é a mais nobre das faculdades da Arte e Literatura, o elemento mais divino possível que o ente humano tende a tecer sobre o conhecimento de si e do mundo. Não foi à toa que a primeira obra psicografada, publicada por Francisco Cândido Xavier, tenha sido o livro de poemas, ditado pelos espíritos poetas do além, chamado “Parnaso de além-túmulo”. Eles, ao falarem das suas experiências, tentaram despertar os homens para a realidade espiritual e também para uma mudança de comportamento diante da vida material; exortaram conselhos e esclareceram para que quando deixarem o corpo somático não encontrem dissabores ao retornarem à pátria espiritual.

A poesia sempre esteve presente desde as culturas mais antigas, um exemplo é a Epopeia de Gligamesh, encontrada na Biblioteca de Nínive em Israel. Inscrita na pedra, trata-se de um poema épico mesopotâmico, composto em versos, distribuído em 12 cantos, que conta a história de Gligamesh, um rei sumério fundador da cidade de Uruk. A presença dos cantos poéticos de adoração às divindades, em qualquer religião, é evidente, quer seja nos rituais ou nas festas pagãs. Pelo fato de ela possuindo em si três características fundamentais: letra, música e imagem. A poesia usa de linguagem, tem ritmo e cria imagens que a própria mente humana desconhece, mas que se rende à sua composição. Finalizando essas ilações, recorreremos mais uma vez ao poeta Octavio Paz, cuja definição sobre poesia, apesar de extensa é a mais próxima daquilo que ela é realmente:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todas as faces, embora exista quem afirme que não tem nenhuma: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana!

Como não reconhecer em cada uma dessas fórmulas que as justifica e que, ao encarná-las, lhes dá vida? [17]

Sobre a inspiração poética, Abrams elucida esse aspecto do ato literário, caracterizando-a com os seguintes pontos:

a) a composição é repentina, sem esforço e imprevista. O poema ou a passagem brotam completos de uma só vez, sem a anterior intenção do poeta e sem aquele processo de considerar, rechaçar e escolher alternativas, que ordinariamente intervém entre a intenção e a realização; b) a composição é involuntária e automática; vem e vai a seu gosto, independentemente da vontade do poeta; c) no curso da composição o poeta sente intensa excitação, usualmente descrita como um estado de elevação e arrebatamento, mas que por vezes diz-se ser dilacerante e doloroso em seus estágios iniciais, ainda que seguido por uma sensação de alívio e felicidade; d) terminada a obra, esta resulta ao poeta surpreendente e estranha como se tivesse sido escrita por outrem. [18]

A parametrização desses itens que caracterizam a inspiração poética, não implica a sua presença em todas as composições, o poeta ao tecer seus poemas pode ter todos ou alguns deles. Tenhamos em mente que, apesar da divergência entre os críticos literários para explicar o processo de inspiração poética, tem-se pouca controvérsia no processo de descrição desse fenômeno.

A teoria da inspiração poética oriunda da escola greco-romana, segundo Abrams, para o ocidente é a mais representativa de todas. Ela concebe que o poeta escreve seus poemas sob um estímulo de “*um visitante sobrenatural*”, de origem divina. Tanto que os textos que tratam disso são os de Platão, o maior representante desta escola, e eles são o *Íon* e o *Fedro* respectivamente. O próprio Platão é autor de uma teoria da inspiração denominada “Loucura divina do poeta”, segundo a qual o poeta, ao compor seus versos, é atacado por um delírio inspirado pelos deuses. [19]

Diante das características descritas por Abrams, a teoria de Platão do “*sopro sobrenatural*” cumpre todos os requisitos para construir uma boa hipótese, pois ela é simples, inteligível e abrange tudo relativo à inspiração. Como muito bem teoriza Platão, o poema é “ditado” ao poeta por um agente externo, por isso há a existência de uma espontaneidade e estranhamento do poema.

Esse pensamento desenvolvido por Platão encontrou abrigo nos pensadores da idade média, embora alguns rejeitassem essa teoria, afirmando que o processo de escrever poemas fosse um trabalho da razão. No entanto, os poetas desse período trocaram as musas gregas pelos mistérios do universo cristão, embora eles preservassem o princípio do agente inspirador externo. Um exemplo muito expressivo é o poeta cristão Juvêncio, que solicitava inspiração para sua poesia através das orações que fazia ao Espírito Santo. [20] Recordemos que é nesta época que surge uma das grandes obras da literatura mundial, “A Divina Comédia”, do poeta italiano Dante Alighieri, onde a inspiração era um mistério sobrenatural aceito com resignação, humildade e veneração.

Com o surgimento do Romantismo, na segunda metade do século XVIII, a inspiração ganha força e é associada ao gênio natural, em que este produz grandes obras devido ao poder de seus dons naturais e divinos. Os românticos eram avessos à ideia do “*sopro sobrenatural*”, eles defendiam que a inspiração se desenvolve por si só, num local na mente do poeta inacessível à consciência. Um poeta de destaque desta escola é Percy Shelley (1792 – 1822) que em seu livro “Defesa da Poesia” assim se posiciona diante da inspiração poética:

A poesia não é, como o raciocínio, uma força para ser exercida conforme a determinação da vontade. Ninguém pode dizer: ‘Vou compor poesia’. Nem o maior poeta o pode dizer, pois o espírito em criação é como brasa que vai arrefecendo e que uma influência invisível, qual vento inconstante, desperta para um brilho transitório; esta força surge de dentro, como a cor de uma flor que desmaia e muda à medida que vai crescendo; e a parte consciente da nossa natureza não pode profetizar, quer a sua aproximação quer seu afastamento. Pudessem esta influência perdurar na pureza e força originais, que impossível seria predizer a grandeza dos resultados; mas, ao iniciar-se a composição, já a inspiração está no declínio, e a mais gloriosa poesia que jamais foi comunicada ao mundo é, provavelmente, uma tênue sombra das concepções originais do poeta. Invoco o testemunho dos maiores poetas de hoje, se não é erro afirmar que os mais belos trechos poéticos são o produto do labor e do estudo. [21]

Diante do exposto sobre o processo de inspiração poética, observou-se que duas correntes assumem a sua existência no universo literário, mas se manifestam de formas diferentes; uma acredita que a inspiração é resultado de um agente externo (Platão) a outra é que se trata de um processo do inconsciente, o lugar aonde a consciência não tem acesso (Shelley).

Pesquisando nas obras espíritas, encontramos um livro chamado “O espiritismo na arte” que trata de questões sobre arte e espiritualidade, obra de Léon Denis, composto de textos de sua autoria e outros psicografados, atribuídos aos espíritos O Esteta e a Massenet. Dessa forma, destacamos pontos cruciais da Doutrina dos Espíritos: primeiro, o ser humano é um espírito encarnado que está em constante progresso e segundo é que este progresso é alcançado dado à existência de várias vidas sucessivas, em que o princípio da reencarnação é a base desse processo. Sendo assim, o espírito encarnado para ser um bom poeta é necessário que já tenha tido uma vivência como tal, pois coisa alguma o ser humano manifesta aleatoriamente, sendo necessário que ele passe por uma experiência nesta área artística. E, que a perfeição da sua poesia será alcançada mediante o maior número de experiências que ele tenha vivido nesta área e o quanto se dedicou a ela.

Para trazer mais luz a essa informação, o espírito O Esteta quando questionado sobre o assunto esclareceu existirem dois tipos de inspiração: a pessoal e a espiritual. A inspiração pessoal diz respeito àquilo que o espírito encarnado acumulou no decorrer de suas vidas ligadas a área artística, é o dom inato que ele possui, ou seja, do ponto de vista do animismo é o que ele conquistou, é a sua bagagem, são os elementos que proporcionarão a futura comunicação anímico/mediúnica com os espíritos que ele sintonizar, no nosso caso o campo da poesia, que é o assunto deste artigo. Esse tipo de inspiração está muito ligado ao pensamento exposto pela escola romântica, em que a inspiração é produto do próprio psiquismo do indivíduo, algo que ele já processava desde muito tempo no inconsciente e que emerge naturalmente, no caso o poema escrito no papel. Na perspectiva da Doutrina Espírita, essa emersão, naturalmente será o fenômeno anímico, produzido pelo próprio espírito.

A inspiração espiritual ocorre pela intervenção do plano espiritual, protagonizada por espíritos desencarnados, que se caracteriza pela transmissão de ideias (fenômeno denominado telepatia) aos indivíduos que possuem um talento artístico, por mais rudimentar que se apresente. Nas palavras do espírito O Esteta, *“se ele for suficientemente sensível, quando uma ideia, um pensamento que ele não podia prever toca o seu cérebro, ele o assimilará como um receptor telefônico que recebe ondas elétricas e vibra com sua*

passagem". [22] Dada à citação, fica claro a correspondência com a teoria de Platão, a denominada "Loucura divina do poeta", em que um agente externo sobrenatural vem "ditar" o poema ao poeta por meio de inspiração. A inspiração espiritual também pode se manifestar através dos sonhos.

4. APRENDIZADO

Encerrando esta exposição sobre a presença do fenômeno medianímico na inspiração poética, compreendo que se caracteriza por ser uma mediunidade inspirada, cuja raiz se encontra o processo de captação/recepção do pensamento por meio de ideias e sentimentos, uma variedade da telepatia. Eu só tenho a agradecer a Deus e ao plano espiritual superior por ter conquistado esse "dom" de compor poesia, e que doravante procurarei cada vez mais buscar a frequência vibratória dos amigos espirituais superiores que trabalham o fazer poético em prol do bem, seja para propagar o evangelho ou para despertar o ente humano para uma vida pós-morte. Essa pesquisa me fez compreender que o espírito encarnado possui potencialidades que desconhece ou quando conhece as usa de forma egoísta na satisfação de sua vaidade, disfarçada de uma falsa modéstia, esse foi o meu aprendizado. Dessa forma, mesmo que eu ainda vacile com todas as minhas limitações diante da vida, que eu possa contribuir com o meu óbolo para plantar uma semente de espiritualidade em mim e no próximo. E que juntos possamos caminhar cantando o poema de amor que o Cristo exemplificou.

A poesia se manifestou em mim ainda na adolescência, escrevia poucos poemas, uns de amor, outros de rebeldia, mas a partir de agora passarei a escrever os de cunho moral mais espiritualizado, pois com todo esse conhecimento e a aquisição do livro "Quem é o autor?" de Jorge de Souza, fui influenciado fortemente. Sendo assim, tive a oportunidade de sintonizar com espíritos que partilham do ideal crístico e imortalista e assim trazer à Terra os poemas que se encontram abaixo:

TROVA CRISTÃ I

Poesia é cantiga de luz
 Alivia, harmoniza...
 Embeleza o dia...
 Em vida quem cantou o Evangelho foi Jesus
 Notória é a canção do Amor
 Aquele Amor divino
 Que nasce da pureza de menino
 Que na prece é um hino de louvor
 Perdão... Perdão
 Basta dizer um sim
 Em vez de um não
 Porque assim
 Terá paz no coração

Jesus! Esse ser reverenciado
 Que em vida foi pregado
 À cruz sem nunca ter pecado
 É o exemplo que nos conduz

DESENCARNAÇÃO

No cais do corpo
O amado está a se distanciar
O cordão de prata se partiu
O espírito começa a navegar

Do outro lado a amada sucumbiu
Se pondo a lamuriar
Com seu lenço encarnado
Orando a Deus para lhe resguardar

Ela não ouvirá o cântico viril jamais
Porque a melodia do amor primaveril
Ele levou consigo para terra dos imortais

Louvado seja Deus! Por nós entes humanos termos o merecimento de deslumbrar esse pedacinho do paraíso. E que os meus escritos sejam voltados para o bem, o esclarecimento do ser, trazendo-lhe acalento, paz, renovação e harmonia. E na medida do possível, todos nós possamos por meio da Literatura Espírita ser exortados a uma mudança de comportamento em nossa forma de ser, de agir e de pensar, pois a proposta da Literatura Espírita é dar subsídios para que os homens se aproximem cada vez mais de sua plenitude, tornando-nos cocriadores com nosso Pai celestial, como Joanna de Ângelis sempre indica em suas obras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de apresentar a inspiração poética como um processo anímico mediúnico, e ao analisar as ideias descritas, o mesmo foi atendido. Nas leituras realizadas aprofundou-se o conhecimento sobre o processo inspirativo na criação artística, e que segundo literatura consultada, temos dois tipos de inspiração, uma pessoal e outra espiritual. Desde a idade antiga, os homens já argumentavam sobre o processo inspirativo decorrente da intervenção de um agente externo, defendida pelo filósofo grego Platão, desenvolvendo sua teoria sobre a loucura divina do poeta. Em contrapartida, no século XVIII, surgiu outra escola, a Romântica, que abolia essa intervenção externa e que afirmava que a inspiração era um produto da atividade subconsciente. No entanto, com o esclarecimento do espírito O Esteta, ficou claro que nenhuma e nem outra estavam erradas e sim que viam o processo inspirativo em perspectivas diferentes. O espírito esclareceu que há duas inspirações, uma referente ao animismo do médium, no caso o poeta e outra relativa à captação/recepção assimilada por ele, atribuída a outro plano. Portanto tenhamos em mente que coisa alguma faremos sozinhos, vivemos em um mundo de comunhão, seja de atitudes solidárias, círculo familiar ou/e de amigos, sempre estaremos sintonizados com mentes conscientes e inconscientes, seja aqui no plano material ou o plano espiritual.

E por último, tem-se que o fenômeno anímico/mediúnico ou medianímico como Kardec nomeou se faz relevante na inspiração poética, pois tanto o médium poeta como o espírito em associação com ele contribui para a elaboração da obra, e que a realização

do trabalho pode ser apontada como uma mescla de dois tipos de inspiração, a pessoal (anímica) e espiritual (estímulo). E, seja qual obra for que o ser humano realize, dependerá dele que ela seja de uma benevolência transformadora na sociedade humana, ou pelo menos, seja transformadora para o ser humano que a criou, pois não esqueçamos que a mudança ocorre de dentro para fora, e que se a obra criada não sensibilizar o seu autor pouco ou em nada sensibilizará o expectador.

6. REFERÊNCIAS

- [1] AKSAKOF, A. N. *Animismo e Espiritismo. Vol. 1 e 2*. Tradução de Dr C.S, 5ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p 22.
- [2] *Idem. Animismo e Espiritismo. Vol. 1 e 2*. Trad. Dr C.S, 5ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- [3] KARDEC, A. *O Livro dos médiuns- O Guia dos Médiuns e dos Evocadores*. Trad. Renata Barboza da Silva e Simone T. N. Bele da Silva da 1ª edição francesa de 1861. 1ª ed. São Paulo: Petit, 2004.
- [4] KARDEC, A. *Definições espíritas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lachâtre, 2003, p 91.
- [5] NETO, F. E. S. *A Imensidão dos Sentidos*. Pelo Espírito Hammed. 1ª ed. São Paulo: Boa Nova, 2000, p 133.
- [6] BACELLI, C. *Mediunidade e Animismo*. Pelo Espírito Odilon Fernandes. 1ª ed. Minas Gerais: LEPP, 2005, p 9.
- [7] BACELLI, C. *Transe Mediúnico*. Pelo Espírito Odilon Fernandes. 3ª ed. Minas Gerais: LEEP, 2012, p 16.
- [8] KARDEC, A. *O Livro dos médiuns- O Guia dos Médiuns e dos Evocadores*. Trad. Renata Barboza da Silva e Simone T. N. Bele da Silva da 1ª edição francesa de 1861. 1ª ed. São Paulo: Petit, 2004, cap. XIV, item15, p 151.
- [9] MARGNIN, P. O sono e o sonho, Tradução de Adriano Nervo Codato da 1ª edição francesa de 1929, 1ª edição SP, editora PAPIRUS, 1992, p.34 e 35.
- [10] MORINI, C. A. T. *Umbanda e Neurociências: a influência dos estímulos sensoriais do ritual na indução do transe mediúnico*. PUC-SP, 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/8umbanda_neurociencias.pdf>. Acesso em: 12 Set 2021.
- [11] KARDEC, A. *O Livro dos médiuns- O Guia dos Médiuns e dos Evocadores*. Trad. Renata Barboza da Silva e Simone T. N. Bele da Silva da 1ª edição francesa de 1861. 1ª ed. São Paulo: Petit, 2004, cap. XV, item 184, p 187.
- [12] MAES, H. *Mediunismo*. Pelo Espírito Ramatís. 13ª ed. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2006, p 196.
- [13] *Idem. Mediunidade e Animismo*. Pelo Espírito Odilon Fernandes. 1ª ed. Minas Gerais: LEPP, 2005, p 144-145.
- [14] HOLANDA, A.B. *Minidicionário Aurélio*. 8ª edição SP, editora Positivo, 2019, p 269.

- [15] PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Svary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p 203.
- [16] BANDEIRA, M. *Poesia Completa e Prosa*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958, p 1271.
- [17] *Idem*. *O arco e a lira*. Trad. Olga Svary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p 15-16.
- [18] ABRAMS, M. H. *El espejo y la lámpara: teoría romántica y tradición crítica acerca del hecho literario* (trad. Gregorio Araóz). Buenos Aires: Editorial Nova, 1972, p 276.
- [19] *Idem*. *El espejo y la lámpara: teoría romántica y tradición crítica acerca del hecho literario* (trad. Gregorio Araóz). Buenos Aires: Editorial Nova, 1972, p 277.
- [20] *Idem*. *El espejo y la lámpara: teoría romántica y tradición crítica acerca del hecho literario* (trad. Gregorio Araóz). Buenos Aires: Editorial Nova, 1972, p 280.
- [21] SHELLEY, P. *Defesa da Poesia*. Tradução da edição de 1840, 1ª ed. São Paulo: Filocalia, 2019, p 74.
- [22] DENIS, L. *O espiritismo na arte*, 1ª ed. SP, São Paulo: Celd, 2019, p 30.